



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

ENTRE A POESIA DA ESCUTA E O COTIDIANO AFETIVO: AS TEMÁTICAS ESSENCIAIS NA PROSA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA



BETWEEN THE POETRY OF LISTENING AND THE AFFECTIVE COTIDIAN LIFE: THE ESSENTIAL THEMES WITHIN THE PROSE OF JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Júlia Azzi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 29/02/2020 • APROVADO EM 02/06/2020

Abstract

This article seeks to explore some of the central themes in the prose of João Anzanello Carrascoza, based on the analysis of the novels that comprise the Trilogia do adeus, in comparison with interview reports regarding the author's influences and literary conceptions. Carrascoza is one of the most important names in contemporary literature — and the object of this paper is to study the nature of his literature to try and comprehend what is the vision of reality and literature in itself that his creations bring. The main points approached are the relationship with the poetry of language - seeing that the author openly attempts to inject a nice dose of lirism in his prose - and also the relation to daily life, which is what anchors the relationships

between the characters, serving as a base for their affections and their remembrances. In this manner, this article attempts to reflect upon what is implied by the obsession with these themes, as a singular way of reading and talking about the world. As an academic base, the ideas of Italo Calvino, Karl Erik Schollhammer and T. S. Eliot will be utilized.

Resumo

Este artigo procura explorar algumas temáticas centrais da prosa de João Anzanello Carrascoza, partindo da análise dos romances que compõem a Trilogia do adeus, em cotejo com relatos em entrevista quanto às influências recebidas e as concepções de literatura do autor. Carrascoza é um dos nomes mais importantes da literatura contemporânea, e o objetivo deste trabalho é estudar a natureza de sua literatura para tentar compreender qual é a visão do real e da própria literatura suas criações carregam. Os principais pontos abordados são a relação com a poesia da linguagem — visto que o autor declaradamente busca imprimir boas doses de lirismo em sua prosa — e também a relação com o cotidiano, que é o que ancora a relação entre os personagens, servindo como base para seus afetos e suas lembranças. Desta maneira, procura-se pensar no que implica a obsessão por essas temáticas, enquanto maneira singular de ler e dizer o mundo. Como aporte teórico serão utilizadas ideias de Italo Calvino, Karl Erik Schollhammer e T. S. Eliot, dentre outros.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Trilogia do adeus; João Anzanello Carrascoza; Cotidian life; Affection; Poetic prose

PALAVRAS-CHAVE: Trilogia do adeus; João Anzanello Carrascoza; Cotidiano; Afeto; Prosa poética.

Texto integral

Na literatura contemporânea encontramos os mais distintos modos de operar com a palavra. Há narrativas mais factuais ou mais psicológicas, textos que elaboram poeticamente a palavra e outros que obrigam a sentir no dente sua dureza, e cada autor traz sua própria visão de literatura para esse conjunto aberto. O modo como a palavra será manipulada no texto e os efeitos que esta terá em seus leitores são resultado das questões que cada autor considera primordiais: da motivação que fornecem à própria escrita, do tipo de leitura que trazem na bagagem, enfim, das várias maneiras possíveis de conceber a escrita em um texto literário.

Sejam as palavras em lenta feitura, cosidas por mãos de artesão, ou aquelas que saltam rápidas, convulsionadas no galope narrativo; seja o texto como uma meditação, como um ensinamento, como uma lupa para o cotidiano, como o nascimento de mundos desconhecidos, como corpo, como tecido; seja o verbo que desestabiliza, o verbo que se estranha a si próprio ou que estranha o que está em sua volta, o verbo que traduz um pensamento que existia sem saber de si, o verbo que tenta dizer o mundo, mas diz apenas a si mesmo; seja verbo que é compreensão e escuta ou o verbo que nasce da pura incompreensão, as maneiras de operar com a palavra serão tantas quanto forem os diferentes modos de ver o mundo.

Com o objetivo de mapear algumas gotas da vastidão que é a literatura brasileira contemporânea, repleta das mais distintas maneiras de se olhar para a palavra, esse trabalho procura pensar a obra do escritor João Anzanello Carrascoza, tendo em vista que este está se tornando um dos nomes mais relevantes da literatura atual, dando continuidade a um tipo de prosa que está muito ligada à linguagem lírica. O objetivo principal é estabelecer os pontos cruciais que guiam a sua escrita e como essas temáticas se relacionam no todo de sua obra, o que também ajuda a pensar a vertente mais subjetiva na qual o autor se insere, e que vem sendo buscada como mais uma possibilidade de compreender o mundo na contemporaneidade.

João Anzanello Carrascoza iniciou sua carreira literária nos anos 1990, tendo publicado primeiramente livros de contos, com histórias que se passam, em sua maioria, em um universo rural, com preocupações voltadas para as relações familiares, para a simplicidade do cotidiano e para a elaboração da linguagem, tornando-a poetizada. Mais recentemente, em 2013, Carrascoza deu seu primeiro passo como romancista com a publicação do livro **Aos 7 e aos 40**, consolidando esse caminho em 2017 com a publicação da *Trilogia do Adeus*, composta por **Caderno de um ausente** (publicado primeiramente pela Cosac Naify em 2015), **Menina escrevendo com pai** e **A pele da terra**, três romances interligados que têm em comum as ligações familiares e a temática da perda. Em 2019, publicou **Elegia do irmão**, que retoma muitos desses aspectos.

Carrascoza possui um perfil singular dentro da literatura atual, mesmo em relação a outros autores de mesma tendência subjetiva - como Noemi Jaffe, Adriana Lisboa e Tatiana Salem Levy - pois há em seus escritos uma dicção muito particular e característica, derivada de seu modo de trazer para a literatura elementos da vida prosaica a partir de uma lente voltada para o detalhe e para a poesia que há nessa relação entre o minúsculo e o que nos ultrapassa. Na sua escrita, as perdas nunca são mascaradas e a dor sempre está presente, ou ao menos iminente, mesmo que num canto esquecido do cenário. Mas ainda assim, não se trata de uma visão desencantada - pelo contrário. Sua escrita transmite uma leitura da vida com suas tristezas e perdas, mas ainda assim com significado, um significado que não é fixo, mas que se dá a partir das relações afetivas com o outro, a partir das lembranças e do olhar atento para o cotidiano. Sendo assim, a vida tematizada por Carrascoza não tem um significado imutável, tampouco carece de significado total: nela os sentidos se criam a partir da escuta do mundo e do afeto. Essa escrita está sintonizada com o que já se conhece, mas que, ainda assim, precisa ser conhecido: miudezas enormes.

Há três aspectos principais que caracterizam a sua literatura: o lirismo, a memória e o cotidiano. A forma como Carrascoza opera com esses três aspectos é o que individualiza a sua escrita. O primeiro desses pontos, o lirismo, é o que permeia tudo que escreve. Qualquer outra noção se ancora nessa primeira, que é sua abordagem formal. A maneira como traz os outros dois itens - a memória afetiva dos personagens e seu cotidiano presente - está diretamente ligada à linguagem poetizada, que é uma forma de direcionar a atenção para esses detalhes. Este trabalho se ancora nesses três aspectos, se guiando principalmente pelas reflexões do autor sobre a criação literária e se centrando na escrita da *Trilogia do Adeus*, por esses três romances abrangerem pontos cruciais que determinam a prosa do autor.

Desta forma, ao penetrar nesse modo específico de se criar literatura, procura-se compreender as concepções de palavra e de texto literário que subjazem à literatura de Carrascoza.

Jabuticabas de luz

Em diversas das entrevistas concedidas por Carrascoza pode-se perceber uma reiteração de suas preocupações principais quanto ao que escreve. Um dos temas mais recorrentes é o lirismo que busca imprimir em seus textos, sobre o qual o próprio declara, em uma entrevista para o Suplemento Pernambuco, “[...] sou um escritor que, desde o livro de estréia, *Hotel Solidão*, vem buscando irrigar com poesia a substância de sua prosa” (CARRASCOZA, 2016), acrescentando que isso pode ser conferido de forma mais completa na escrita de *Caderno de um ausente*, o primeiro livro da trilogia. Embora a literatura do autor em nenhum momento abandone o terreno da prosa e ele nunca tenha publicado um livro de poemas, sua escrita é conscientemente “irrigada” pelo material poético. Pode-se dizer que ela possui muitos poros e infiltrações por onde a poesia, consciente de si mesma, invade. Isso se relaciona com o objetivo da obra que está criando: que efeitos deseja causar no leitor, ou melhor dito, que leitor deseja criar com seus textos.

Umberto Eco (1985, p. 20), ao comentar em um pós-escrito a composição de **O nome da rosa**, sugere que “[...] escrever é construir, através do texto, um modelo específico de leitor.” Pode-se questionar, dessa maneira, que tipo de leitor uma escrita como a de Carrascoza busca construir. Talvez uma outra forma de perguntar seja: de que forma o texto respira? Em que tipo de fôlego ele coloca aquele que o lê? Cada texto impõe um ritmo próprio que o leitor aprende aos poucos a seguir, e cada página a mais é um aprendizado de como ser o leitor do livro que está sendo lido. Com um ritmo de escrita que palmilha um chão simples, na busca pelo detalhe e por reflexões sobre o que se agiganta a partir desse detalhe, Carrascoza constrói um tom quase meditativo e parece querer criar um leitor que, na leitura, escute ao outro e ao mundo. O lirismo nesse caso é um lirismo da atenção ao minúsculo. Seu tom - explicitamente no primeiro livro e mais implícito nos outros da trilogia - sussurra pequenos ensinamentos, com a consciência de sua própria falibilidade e miudeza.

O texto é constituído por lembranças e reflexões como “A fome maior, Bia, a gente mata comendo os próprios lábios, mastigando com a gengiva os nossos dentes e engolindo a nossa própria garganta” (CARRASCOZA, 2017b, p. 23). Fora de contexto, poderia soar como uma literatura que se cria em aforismos cheios de certezas, que postula. Mas quando se lêem reflexões como essas entranhadas no livro, nota-se que nada é de uma convicção fixa, mas vislumbres do real. Tudo é uma tentativa de expressar um pouco da leitura de mundo, sendo dito no sussurro de quem tenta acolher sem iludir, e que busca mostrar, a partir de arranjos na linguagem, o que consegue enxergar no quase imperceptível.

Em uma entrevista para o projeto Paiol Literário, promovido pelo Jornal Rascunho, Carrascoza expõe muito de suas ideias sobre a própria produção e

explora a questão da sensibilidade. Sobre isso comenta que o que o atrai para uma literatura que se aproxima da prosa poética é o gosto por ler aquilo que mexe de alguma maneira com a sensibilidade: “o que me encanta mais é encontrar textos nos quais o meu aparelho sensitivo, o meu aparelho poético, de apreensão da realidade, se mexe, se move; como um radar, ele tem que ser acionado” (CARRASCOZA, 2013b). Dessa forma, os interesses de leitura levam à construção do escritor, que busca encher sua prosa de elementos poéticos de apreensão da realidade, os quais são uma forma de olhar o mundo e trazê-lo ao texto. Em diversas entrevistas, o autor demonstra seu gosto pela poesia e sua formação enquanto leitor de poemas, e afirma o quanto esse primeiro contato com diversos poetas brasileiros a partir das bibliotecas que frequentava na infância são relevantes para o escritor que é atualmente. Os poetas mais citados como inspirações são Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Em um bate-papo promovido pelo Segundas Intenções, o escritor explicita sua relação com a poesia e fala sobre essas influências. Não é difícil entender a escolha de Drummond como sua maior inspiração, considerando o olhar deste para o mundo, trazendo preocupações metafísicas, por ora narrando, mas nunca perdendo a visão atenta. Já a influência de Bandeira se nota nos muitos elementos trazidos do cotidiano, nesse olhar para aquilo que é pessoal e, numa primeira vista, pequeno, mas que ao ser trabalhado literariamente ganha abrangência. Em diversos momentos o autor comenta que, movido por tais influências literárias, apenas a noção de contar histórias não basta. É preciso misturar a história com poesia, buscar o trabalho com a linguagem, a musicalidade, o lado metafísico, tudo aquilo que consegue absorver de suas leituras prévias

Esse desejo pelo poético pode ser percebido na procura por novas metáforas e comparações para aquilo que intenta dizer. Há uma tentativa de estender para a escrita o senso de mobilidade e de novidade que há na vida, o espanto com aquilo que é inesperado, no nível de acontecimento, mas também no nível da frase. Por isso tenta-se utilizar de novas construções, tirando a poeira de determinadas imagens a partir da criação de outras metáforas e distintas maneiras de dizer. Isso se mostra nos romances a partir das imagens utilizadas para se expressar determinadas ideias, como em **A pele da terra**, quando Mateus, o narrador, compara as folhas do pinheiro às conversas que tem com o filho ou quando em **Menina escrevendo com pai**, há paralelismos entre o balão verde que Bia possui por um instante na infância e o próprio João, seu pai, que nesse contexto já faleceu. Essa busca por novas maneiras de se expressar também se apresenta na estrutura de diversos capítulos curtos nos três livros, que podem se apresentar de várias maneiras: lançando apenas perguntas, trazendo definições poéticas que vão puxando uma a outra, explorando a relação entre duas expressões temporais como “já” e “ainda”, desenvolvendo determinada metáfora, relacionando-se entre si. É visível a tentativa de arejar o olhar para enxergar melhor os sentimentos que estão colocados: o amor, a ausência, a saudade, etc.

T. S. Eliot (1972, p. 32), em seu ensaio **A função social da poesia**, remonta em um primeiro momento à função individual da poesia, sobre a qual explica: “[...] há sempre a comunicação de alguma experiência nova, de algum entendimento novo do familiar, ou a expressão de alguma coisa que sentimos mas para a qual não temos

palavras, que amplia nossa conscientização ou apura nossa sensibilidade”. Essa visão da linguagem da poesia parece muito sintonizada com o modo como Carrascoza pensa a literatura. Ela é como a comunicação de algo novo, utilizando-se de elementos que renovem o olhar. Ainda de acordo com T. S. Eliot, o poeta aborda determinado sentimento e eleva sua consciência, fazendo com que os leitores vivenciem sensações quase desconhecidas. Porém, essa sensibilidade não é algo distante e abstrato, mas precisa comunicar, porque então a poesia (ou a linguagem poética, o que se estenderia à literatura aqui estudada) funciona como um meio de ampliação da sensibilidade dos indivíduos e da própria língua.

João, o narrador de **Caderno de um ausente**, diz em um determinado momento: “eu ia provar, com mil exemplos, que se pode inventar metáforas em cores a partir de clichês cinzentos[...] (CARRASCOZA, 2017b, p. 34)”. Essa ideia da invenção de metáforas a partir daquilo que se mostra acinzentado, ou seja, destituído de invenção e de vitalidade, é uma das noções que se repetem ao longo dos três romances, sendo citada explicitamente por Bia, no segundo livro. Isso diz muito sobre o modo como a palavra é concebida na literatura de Carrascoza, assim como diz muito sobre a forma dos próprios personagens lidarem com a palavra e sua relação com o mundo. Essa espécie de aprendizado poético das coisas é importante não apenas no nível da forma, mas como uma das temáticas que se manifestam nos romances. É como se a predisposição a poetizar fosse quase um legado familiar, o que desemboca no último livro, por exemplo na cena em que Mateus está com seu filho olhando uma árvore repleta de gotas de chuva: “[...] e fiquei observando-as, atento, pensando em como defini-las. E aí eu disse, parecem jabuticabas de luz, e você perguntou, o quê? e eu nada respondi, continuei a contemplar aquela formação de poesia diante de mim [...] (CARRASCOZA, 2017a, p. 97). Nota-se o quanto é importante para cada personagem essa percepção aprendida pelo afeto, a noção do quanto de poesia se pode encontrar nas coisas, e essa busca por uma maneira de expressá-la, como uma ampliação da sensibilidade e da própria forma de dizer. Isso é o que os livros de Carrascoza parecem querer legar: uma escuta sintonizada com o mundo e com a poesia sempre em formação.

Entretanto, sua literatura não é simplesmente um derramamento emocional sem cuidado, algo escrito sob uma inspiração momentânea. Há uma cautela no trato com a linguagem no sentido de achar a medida justa para dizer, que consiga transmitir essas ideias de sensibilidade, mas sem se tornar um clichê vazio. Carrascoza demonstra consciência dos desafios que esse tipo de escrita exige: “Não é um registro fácil de fazer nem muito comum, é um pouco raro, até há muitas portas fechadas para esse tipo de literatura. Se você chega num ponto certo, pode ter qualidade. Mas se erra, você derrama, torna-se açucarado, piegas, sentimental” (CARRASCOZA, 2013b). De fato, uma literatura que tenda para a prosa poética corre muitos riscos de se tornar algo emocional e perder muito de sua qualidade estética em prol do sentimentalismo simples. O lirismo de Carrascoza é em certa medida um registro arriscado, por andar muito no limiar entre ser ou não levado a sério, pela linha tênue que há entre uma expressão de qualidade sintonizada com a sensibilidade e uma literatura piegas.

No artigo “A escrita comovida de João Anzanello Carrascoza”, Miguel Conde (2009) explora justamente essa questão, ao discorrer sobre a forma como a

literatura do autor se aproxima ou não da ideia de kitsch. A conclusão do pesquisador é que a escrita de Carrascoza chega muito perto do que é considerado kitsch, principalmente pelos temas que são explorados sobre a ótica da emoção, trazendo certo sentimentalismo, porém, o que diferencia a literatura do autor é que ela nunca mascara a tristeza inevitável, as perdas, a efemeridade dos momentos alegres, a tragédia e a injustiça inerentes à vida. Nem tudo será belo, e é isso que leva o olhar do texto para aquilo que é, no presente, belo. As coisas são vistas de uma forma poética não por uma ingenuidade do olhar, mas por uma percepção de que tudo é passageiro.

A poesia desses textos só existe porque existe a morte e a passagem do tempo, e isso não pode ser ignorado. Como no trecho final da viagem, em *A pele da terra*, em que o menino pergunta para Mateus quanto tempo falta, e tudo adquire uma duplicidade: “Então eu não disse, falta pouco, João, para não agredir você com a lâmina da verdade, eu disse, com doçura, embora o gosto das palavras, sob minha língua, fosse amargo, eu disse, falta menos do que você imagina” (CARRASCOZA, 2017a, p. 106). A consciência do caráter transitório das coisas nunca deixa de estar presente: uma noção sólida, não desesperada nem ingênua, apenas melancólica, sobre a efemeridade em todas as relações.

O modo como os escritos de Carrascoza lidam com a tragédia inerente à vida parece seguir um ideal de leveza. Italo Calvino (1990), na primeira de suas propostas para o próximo milênio, explora o valor desta no texto literário, demonstrando principalmente o jogo que se dá entre o peso e a leveza - opostos complementares - na relação entre a realidade e a forma de trazê-la ao texto. O autor utiliza-se do exemplo de Perseu, que derrota a Medusa utilizando-se de sandálias aladas e de um espelho para não olhá-la diretamente, e a partir disso, traz a noção de leveza como uma forma, talvez a forma essencial para um escritor, de lidar com a dureza das coisas, o peso inalienável da realidade. Não se trata de uma airosidade leviana, que escolhe ignorar aquilo que perturba. Perseu não olha diretamente para Medusa, mas não rejeita o fato de ela existir: a figura da górgona está sempre presente como ameaça em seu horizonte. Ou seja, não é uma recusa da realidade em si, mas uma recusa da visão direta dessa realidade. A gravidade da vida real ainda existe, mas para que seja possível dizê-la, diminui-se seu peso pela linguagem. Pode-se dizer que a escrita de Carrascoza é uma escrita de melancolia, e não de tristeza, visto que, de acordo com Calvino (1990, p. 32), a “[...] melancolia é a tristeza que se tornou leve [...]”. A linguagem poética e metafórica de obras como *A trilogia do adeus*, que buscam novas maneiras de dizer o mundo, mas sem perder a simplicidade no momento de elaboração, pode ser considerada uma “[...] busca da leveza como reação ao peso do viver [...]” (CALVINO, 1990, p. 39).

Percebe-se, assim, que o lirismo ocupa uma posição de muita importância na prosa de Carrascoza, pois para além de uma linguagem formalmente bela, possui um propósito que permeia aquilo que escreve, visto que suas temáticas ganham maior abrangência a partir da elaboração da linguagem. Carrascoza tem uma visão de escrita muito específica, que deseja construir um tipo de leitor que se coloque à disposição de olhar para o mundo e perceber a poesia que há nas coisas simples, assim como na própria subjetividade. O lirismo do escritor está relacionado com esse olhar curioso para o mundo, com a percepção do quanto há de efemeridade e

da iminente ausência em cada coisa. Está relacionado com a valorização das experiências particulares e subjetivas, como a rememoração e a vivência do cotidiano, e com a tentativa de ver cada coisa com um olhar reencantado.

Troncos e folhas de pinheiros

Karl Erik Schollhammer (2009), em seu livro **Ficção brasileira contemporânea**, comenta que, de uma maneira simplista, nossa literatura contemporânea é às vezes dividida em duas vertentes quanto aos modo de olhar para o real. Uma das vertentes busca a reinvenção do realismo, e a outra se dirige para uma “consciência subjetiva e de uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, o estofo material da vida ordinária em seus detalhes mínimos. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15)” A literatura de Carrascoza é vista como parte desta última vertente, também composta por Adriana Lisboa, Michel Laub, Rubens Figueiredo, entre outros. Para esses escritores, há uma espécie de procura por epifanias no território do cotidiano.

O crítico vê essa separação como um tanto reducionista, visto que na maioria das vezes os textos compartilham aspectos das duas correntes simultaneamente. Mas ainda assim, quando se fala em literaturas como a de Carrascoza, elas são vistas nesse espectro de uma escrita com “acentuada tendência em revalorizar a experiência pessoal e sensível como filtro de compreensão do real (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 107)”. É assim que os textos do autor vêm sendo conhecidos desde que ele começou a publicar, na década de 1990: algo que segue a linha mais intimista e voltada para a apreensão do cotidiano. Aquilo que é prosaico e faz parte do dia-a-dia é uma temática essencial dos textos, e praticamente nada escrito por ele foge dessa aparente simplicidade, que esconde sensibilidades agudas.

Sua escrita, tanto nos contos como nos romances, procura estar sintonizada com aquilo que o autor chama de “reservas colossais de poesia no cotidiano” (CARRASCOZA, 2011). Há a crença em algo que não deixa de estar à superfície das coisas, mas que ainda assim necessita de um exercício de atenção no olhar para descobrir. Para além da linguagem que se propõe poética, há uma noção de poesia como algo externo ao texto em si, e que pode ser descoberto nas coisas, nas pessoas, na paisagem. A poesia, para Carrascoza, pode estar em toda parte, e enriquece a vida com sua imprevisibilidade própria, podendo ser encontrada de forma disfarçada nas bordas do cotidiano.

Nessa literatura, não são apenas as palavras que comunicam algo. O verbo até mesmo falha em muitos momentos para dizer aquilo que o silêncio diz perfeitamente para quem consegue escutar. Muitas vezes o que enuncia não é a palavra, mas a falta dela, a atmosfera, o corpo, a paisagem. Tudo está em estado de verbo, e é característica dos personagens desses textos a habilidade construída de ouvir aquilo que está no lado mudo dos acontecimentos, no cotidiano em que, para as coisas importantes, não se usam palavras.

Isso se mostra em diversas cenas de **A pele da terra**, por exemplo, pois embora a viagem de pai e filho tenha sido descrita em palavras, sua maior significação está nas menores coisas, nas interações silenciosas, em qualquer gesto que se enche tanto de significado que o leva a ser recordado anos mais tarde: “E porque nada se movia na paisagem senão nós, e tudo o que não era o mundo naquele ali e agora estava paralisado para que apenas os nossos passos, na linguagem com a qual se escrevem os caminhos, estivessem dizendo, a vida está aqui, em nós, a vida está aqui” (CARRASCOZA, 2017a, p. 26). Nessa cena não há palavras de seus personagens - fora a narração futura, essa sim se utilizando da voz que a recupera – apenas os passos comunicam. É um dizer subjetivo, que passaria despercebido não fosse a sutileza que o nota no cotidiano, numa espécie de poesia de mãos, pés, olhares, sentidos.

Nessa mesma cena descrita, nota-se também a importância dada para a captura do momento presente. Mesmo que os textos se passem no território da memória, nos três romances há uma valorização do que está a ocorrer naquele agora, como se tentassem dar uma atenção de corpo inteiro para aquilo que escapa por entre os dedos. Como diz o personagem João, “[...] é pra enrubescer nossa face que o sangue corre, Bia, o presente, valoroso, só vem à tona, se temos coragem de mergulhar na ninharia do instante.” (CARRASCOZA, 2017b, p. 63). Esse mergulho no instante está presente, implícita ou explicitamente, em tudo que Carrascoza escreve. Há uma recorrência de personagens preocupados em sintonizar seus sentidos com aquilo que está se passando no presente, como uma captura. Essa questão influencia até aquilo que define o tamanho dos textos e seus ritmos, e está diretamente ligada ao fato de mesmo seus romances serem obras bastante curtas. Sobre isso, Carrascoza (2013b) comenta: “Sempre me interessou mais a apreensão de um instante. E apreender o instante em trezentas, quatrocentas páginas é um pouco difícil. Você tem que gerar um olhar para uma cena ou uma situação e tentar reconstruir aquilo.”

Essa noção de mergulhar no instante, junto com a valorização da memória e da linguagem poética, é algo que vai passando de um personagem para o outro, sobre a forma de ensinamentos e aprendizados. Isso se inicia com João, no **Caderno de um ausente**, capturando pequenos acontecimentos próximos ao seu momento de narração, e tentando transmitir para a Bia futura, que lerá esses cadernos, a sensação deste primeiro instante: “[...] eu quero, humildemente, te ensinar umas artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, cozinhá-la em fogo brando e, depois, fazer com ela um banquete. (CARRASCOZA, 2017b, p. 32), e continua nos próximos livros, com Bia trazendo em suas palavras muito do aprendizado que teve com João; e com Mateus demonstrando ciência desses mesmos ensinamentos na conversa que tem com o filho, com a diferença de que sua abordagem no passado é menos didática e mais intuitiva. No último livro, é especialmente potente a sintonia entre o silêncio e tudo o que o cotidiano está dizendo em cada instante inteiro: “Meus passos, naquele chão de pedriscos, diziam, estamos aqui, vivos, meus passos diziam, estamos aqui, vivos e juntos e fortes, apesar de exaustos, estamos aqui, vivos, apesar de estarmos morrendo nesse instante [...] (CARRASCOZA, 2017a, p. 63). Todo esse dizer não se materializa em voz, mas ainda assim pode ser lido.

Uma ideia muito cara para a escrita de Carrascoza é essa de leitura de mundo. Este conceito, implícito nos textos literários, mas bastante citado pelo autor em entrevistas, está diretamente ligado às ideias de Paulo Freire. Em seu livro **A importância do ato de ler**, Freire (1989) discorre sobre o fato de que as primeiras leituras não são a leitura da palavra, mas uma leitura de mundo, que vai se constituindo ao longo da infância e que é nossa primeira iniciação à compreensão do que nos cerca. Dessa maneira, o conceito de ler se amplia, para abarcar não apenas formas linguísticas, mas aquilo que ultrapassa em muito a visão fixa que se tem da leitura. Como Freire (1989, p. 10) relembra de sua infância: “Os ‘textos’, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos”. Ou seja, muitos dos elementos que fazem parte do cotidiano, os quais vamos aprendendo a interpretar, são uma forma de texto passível de leitura.

Essa leitura, embora seja a primeira que se aprende a fazer, nunca abandona o indivíduo, mesmo com o aprendizado da decodificação linguística: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 09). Mesmo com o conhecimento da palavra escrita, nosso entendimento sempre passa primeiro por aquilo que lemos no mundo a nossa volta, e o texto só pode fazer sentido ancorado nesse entendimento.

Esse conceito, além de estar presente de diversas maneiras nos textos analisados e no resto da obra do escritor, também se relaciona muito com a visão que ele possui sobre a escrita literária, “que advém, sempre, da nossa condição de leitores do mundo, condição essa evidentemente anterior à de escritor – cujo ofício é, através das palavras, construir mundos possíveis.” (CARRASCOZA, 2010, p. 113). Para o autor, o seu processo criativo começa muito antes do ato de colocar a palavra no papel, e até mesmo antes de ler a palavra. Há sempre uma importância muito grande sendo colocada naquilo que antecede a leitura formal: o cotidiano que ensina a ler a natureza e as pessoas; a tradição oral de contação de histórias, que é um outro tipo de leitura.

Todas essas noções são de muita relevância para tudo que se fará depois, pois para a construção de mundos, que é tarefa da literatura na concepção do autor, é preciso o movimento inicial de compreensão de mundo, que se dá pela observação atenta e pela leitura do outro. É isso que seus personagens aprenderam e desejam, cada um à sua maneira, comunicar ao outro. Aprendizado, cotidiano, leitura, afeto: essas ideias se intrincam e muito pouco se dissociam nessa literatura que vê no cotidiano a primeira forma, e talvez até mesmo a mais honesta, de leitura.

Em *Caderno de um ausente*, João diz a Bia: “[...] aprendi a ler o que está escrito nas altas esferas, e também no rodapé da nossa rotina.” (CARRASCOZA, 2017b, p. 13). Mais uma vez se faz presente essa ideia da leitura do cotidiano como um aprendizado. Isso porque nosso olhar muitas vezes se embota, acostumando-se a focalizar apenas aquilo que parece grande e impressionante, então é preciso educá-lo para perceber as várias gradações, o micro e o macro, céus e rodapés, até mesmo para aquilo que parece insignificante, às beiras do nada, pois, como diz a frase de Guimarães Rosa no conto “O espelho”, “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo. (ROSA, 2005, p. 94)” Os personagens dos livros analisados de

alguma maneira estão sempre tentando apurar o olhar para notar o extraordinário no ordinário, aquilo que está ali mas só pode ser vislumbrado em alguns momentos.

Sobre essa preocupação com o cotidiano em sua literatura, Carrascoza comenta:

Sinto que no comum das horas podemos encontrar o instante raro, que vale pelo dia inteiro. As coisas pequenas, quase invisíveis, são capazes de nos aumentar ou de nos estraçalhar. A minha literatura, ao buscar o grão no grande, se prende ao valor do precário, à significância do que é quase nada. (CARRASCOZA, 2015a)

O que seus textos valorizam é essa espécie de milagre, aquelas experiências transformadoras que estão na carne do cotidiano, não o ultrapassando, mas permanecendo à disposição para serem penetradas pelo olhar. Muito do interesse que seus romances provocam é essa relação entre o muito grande e o muito pequeno, e o fato de que isso nunca é uma oposição ou uma tensão. O pequeno faz parte do grande, assim como o grande está contido no pequeno. Suas narrativas falam sobre amor, sobre morte, sobre a efemeridade, mas todos esses assuntos grandiosos e importantes por falarem aquilo que é humano estão presentes discretamente em uma mesa de café da manhã, um passeio de bicicleta, um balão que se desprende dos dedos, o final de uma caminhada comprida. O “quase nada” de Carrascoza é cheio de significados, não um significado fixo, de simbologias intrincadas ou sentidos da vida transcendentais, mas um significado que se dá na relação com o outro, na relação com a palavra e com a própria interioridade.

O cotidiano não é grandioso nem deve ser, mas está repleto de pequenas coisas grandes. As palavras falam muitas vezes de coisas banais, mas por trás delas estão escondidas outras palavras, essas maiores, essas que se constroem com o tempo e não serão ditas a qualquer momento, pois crescem silenciosas como qualquer relação: “Continuamos a conversar, coisas miúdas, como as folhas dos pinheiros, porque as maiores, como troncos, são sempre as mesmas e não se vergam com o cotidiano [...]” (CARRASCOZA, 2017a, p. 34). Os pequenos detalhes descritos na trilogia são essas folhas de pinheiro, ancoradas sobre o tronco dos sentimentos intrincados, daquilo que nos ultrapassa. Por isso, sua literatura busca abranger do pó à nuvem, já que tudo se relaciona, e nossos afetos mais íntimos estão presentes no silêncio de um olhar e no bom dia mais banal.

Considerações finais

Pode-se dizer que há uma unidade que guia a literatura de João Anzanello Carrascoza como uma espécie de espinha dorsal responsável por dar sustentação para suas histórias. As temáticas recorrentes e um determinado estilo de escrita, envolto em metáforas e reflexões em linguagem poética geram uma dicção única, o

que é um dos fatores para que Carrascoza esteja se tornando uma voz reconhecível. Nos textos do autor está presente um estilo específico de se fazer literatura, e o objetivo de se estudar os três aspectos principais em sua obra era entender um pouco desse processo de criação e o que ele implica.

Cada autor propõe uma determinada dança, um ritmo para a leitura, e a dança proposta por Carrascoza é de movimentos lentos e límpidos, quase meditativos. Sua matéria é a palavra, e a palavra é utilizada em sua face mais evocativa, quase religiosa. Com a palavra se comunga, e por ter algo de sagrado, ela não é despejada sem parcimônia, mas pensada a partir de todas suas dimensões, trabalhada com esmero. Não são textos de fôlego lancinante, mas uma respiração profunda e lenta, um olhar demorado para a janela em fim de tarde. Não ignoram aquilo que é falho e triste na condição humana, mas há uma opção pela leveza. Retomando do início deste texto as distintas concepções sobre a criação da palavra, pode-se dizer que nas obras de Carrascoza as palavras são de lenta feitura, criadas por mãos de artesão, cheias de rugas e afeto; o texto, meditação; as palavras, certas, que desejam ser transmissão e herança; a palavra sonora; a palavra-vida; a palavra que tenta trazer para dentro de si o mundo; o verbo que acaba dizendo muito sobre si mesmo; o verbo tentativa de compreensão e ensinamento.

A escrita de Carrascoza pode ser vista dessa maneira: como uma tentativa de compreensão do real. O mundo sempre nos excede e é como se cada escritor, ou melhor, cada artista estivesse buscando sua maneira particular de acercar-se dele. Cada um tem uma resposta diferente, e é como se a resposta de Carrascoza na relação do sujeito com a realidade estivesse principalmente nos aspectos levantados nesse trabalho. O lirismo, a rememoração e o olhar para o cotidiano como maneiras de apreensão do mundo que nos rodeia, em uma filosofia do olhar para as coisas. Para além dos três aspectos, enquanto maneira de ver o mundo, ainda está presente outro aspecto que, embora não tenha sido trabalhado especificamente, está ligado a todas as questões discutidas: o afeto.

O afeto na literatura de Carrascoza é um dos principais filtros no olhar para o mundo: a poesia da escrita como um afeto pela linguagem, a memória como uma memória essencialmente afetiva, o cotidiano transformado principalmente pelas pequenas relações de afeto que por ele se espalham. E, com isso, pode-se pensar que, embora em nenhum momento os textos de Carrascoza tenham uma abordagem social ou política marcante, ainda assim ela não deixa de ser política em algum sentido. Pois no momento vivido atualmente, vários desses aspectos - a escuta; a memória; a poesia, extremamente; o afeto - são uma forma de resistência contra a cegueira e a brutalidade.

Essas questões principais da literatura de Carrascoza são, especialmente na *Trilogia do Adeus*, trazidas não só como temáticas ou elementos do estilo, mas como ensinamentos para o interlocutor dentro da história. E o principal ensinamento é o da poesia, no sentido mais amplo possível. Porém, tanto para o interlocutor quanto para o leitor, a tentativa não é de apresentar algo factual. Não se trata de um manual para a vida, nem é pretensão do narrador ensinar a ler o mundo, apenas, talvez, mostrar que há um mundo a ser lido.

Seria possível dizer que há nesses textos uma sensibilidade poética em dois níveis:

1) A poesia das coisas que estão acontecendo neste instante, nos momentos mais simples do cotidiano. Esta geralmente não é colocada em palavras, pois os personagens a sentem com maior potência em silêncio, contanto que estejam sintonizados com esse tipo de escuta.

2) A poesia na própria linguagem, como um tipo de elaboração realizada pelos personagens. Esta se liga muito à rememoração, pois as memórias são contadas por um personagem a outro, como uma forma de herança. E a linguagem com suas metáforas e seu tom reflexivo potencializa essas recordações.

O primeiro tipo de poesia pode ser sentida por mais de uma pessoa em silêncio; já o segundo tipo precisa ser dito, e então a linguagem se torna um tipo de partilha. Ambas as situações envolvem o afeto. Dessa maneira percebe-se que os aspectos principais na prosa de Carrascoza, além de estarem na estrutura, na temática e na própria composição dos personagens, não estão estanques entre si, um influencia os outros e todos acabam, em uníssono, criando uma voz coesa, guiada pelo afeto e pela escuta.

Refêrências

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRASCOZA, João Anzanello. *A pele da terra*. São Paulo: Alfaguara, 2017

_____. Afetos da ciência. In: **Suplemento Pernambuco**: 16 Mai. 2016. Entrevista concedida a Carol Almeida. Disponível em <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1598-afetos-da-ci%C3%Aancia.html?fbclid=IwAR3q4n24gMVeAhupQKDe-t7aOw3KDii2VIEZqAb7Cv1a-bFy9M5DqYne9E8>> Acesso em: 2/3/2019

_____. **Caderno de um ausente**. São Paulo: Alfaguara, 2017

_____. Carrascoza em perspectiva. In: **Revista crítica**. 28 Out. 2014. Entrevista concedida a Emiliana Carvalho. Disponível em: <<https://www.escritica.com/carrascoza-em-perspectiva---entrevista>>. Acesso em: 28/02/2019.

_____. Entrevista com João Anzanello Carrascoza. In: **Jornal da Cidade**. 11 Ago. 2013. Entrevista concedida a Gustavo Ranieri. Disponível em:

<https://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?%20codigo=230148>. Acesso em 4/03/2019

_____. João Anzanello Carrascoza fala sobre sua obra, calcada na descoberta infantil. In: **Revista Língua Portuguesa**. Fev. 2015. Entrevista concedida a Amilton Pinheiro. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002733291.pdf>>. Acesso em: 4/03/2019

_____. **Menina escrevendo com pai**. São Paulo: Alfaguara, 2017

_____. Miudezas poéticas. In: **Jornal Rascunho**. Fevereiro 2015. Entrevista concedida a Márvio Câmara. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/miudezas-poeticas/>>. Acesso em: 15/02/2019.

_____. Navegação sem rumo. In: **Jornal Rascunho**. Dezembro 2011. Entrevista concedida a Andrea Ribeiro. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/navegacao-sem-rumo/>>. Acesso em 27/02/2019

_____. No retrato do artista, os rigores e a delicadeza de abril: João Anzanello Carrascoza. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, nº 16, Santa Maria, Jul. 2010 - Dez. 2010. Entrevista concedida a Antônio Rodrigues Belon e Michela Mitiko Kato Meneses de Souza. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num16/RevLitAut_art08.pdf>. Acesso em 15/02/2019.

_____. Paiol literário. In: **Jornal Rascunho**. Setembro 2013. Entrevista com mediação de Rogério Pereira. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/joao-anzanello-carrascoza>>. Acesso em: 27/02/2019.

_____. **Segundas intenções na BVL - João Anzanello Carrascoza**. Youtube. 23 mai. 2017. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=4l7BWf2iJmw>>. Acesso: 15/02/2019.

CONDE, Miguel. “A escrita comovida de João Anzanello Carrascoza”. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, no 34, 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127098010>. Acesso: 16/02/2019

ECO, Umberto. **Pós escrito a O nome da rosa**. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Editora Nova Fronteira S.A., 1985.

ELIOT, T.S. A função social da poesia. In: **A essência da poesia**. Tradução de Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

ROSA, João Guimarães. “O espelho”. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Para citar este artigo

AZZI, J. Entre a poesia da escuta e o cotidiano afetivo: as temáticas essenciais na prosa de João Anzanello Carrascoza. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 179-193.

A Autora

JÚLIA AZZI é mestranda em Estudos Literários Aplicados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.